

RAÇAS BOVINAS LOCAIS BRASILEIRAS



Animal Pantaneiro em pastagem nativa. Foto: Ana Maio

Diversas raças bovinas existentes no Brasil originaram-se de animais trazidos pelos colonizadores. Estas se adaptaram às condições encontradas nas diversas regiões do país, adquirindo características únicas como rusticidade, prolificidade e, provavelmente, resistência a parasitas e doenças. Na busca de melhoria na produtividade, algumas populações locais foram sendo cruzadas com linhagens exóticas, sem o devido planejamento sistemático de melhoramento, a ponto de encon-

trarem-se quase totalmente absorvidas. Este modelo produtivo, que ainda persiste em muitas regiões, tem levado à diminuição e ao desaparecimento de algumas raças locais.

Para que este importante material genético não fosse perdido, em 1983, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) incluiu a conservação dos recursos genéticos de animais em seus projetos de pesquisas. Desde então, a conservação é realizada por diversos centros de pesquisa, universidades, empresas estaduais de

pesquisa, bem como por criadores particulares.

Estas raças passaram por um processo de seleção natural ao longo dos anos e se adaptaram às condições climáticas, sanitárias e de manejo em diferentes regiões do país, adquirindo características como rusticidade, prolificidade e resistência a ecto e endoparasitas.

Atualmente, dentre as cinco raças bovinas localmente adaptadas existentes no Brasil, quatro encontram-se em risco de extinção e o gado Pantaneiro está entre elas.

BOVINO PANTANEIRO

O bovino Pantaneiro descende de animais trazidos da península ibérica durante o período de colonização do Brasil. Inicialmente, no século XVI, foram introduzidos, pelo caminho do Rio da Prata e Rio Paraguai, animais de raças espanholas que atravessaram a planície Pantaneira com as expedições espanholas em busca das minas de metais preciosos do Peru. Com o ataque dos indígenas locais, muitos animais foram abandonados e encontraram condições de sobrevivência nessa região.

Esse foi o principal período de seleção natural desses rebanhos, que tiveram que se adaptar às condições desfavoráveis do clima quente e das alternâncias de cheias e secas prolongadas que limitavam a abundância de alimento no Pantanal.

Não havia muitos povoados na planície pantaneira, além de fortificações militares e missões jesuítas, a atividade pecuária era insipiente e de subsistência. Entretanto, o comércio e a troca de animais sempre estiveram presentes entre as populações fronteiriças, o que justifica tamanha variedade de pelagens características nesses animais.

Com a abertura do caminho que ligava as províncias de Goiás ao Mato Grosso, no século XVII e com o término da exploração do ouro em Cuiabá, iniciaram-se a atividade pecuária na região, com consequente a introdução de novos animais, descendentes de raças portuguesas.

Deste modo, os bovinos Panta-

neiros também conhecidos popularmente por Tucura, Cuiabano ou Taquati são oriundos da miscigenação de bovinos europeus trazidos para a região do Pantanal durante a colonização da América do Sul pelos Espanhóis e Portugueses.

O bovino Pantaneiro foi a base da economia local até a metade do século XX, os animais recriados em pastagens nativas eram levados em comitivas ou de trem para áreas de engorda e terminação próximas aos centros frigoríficos, responsáveis pelo abate e distribuição da carne.

Com a introdução das raças zebuínas no Brasil, houve uma grande pressão para eliminação dos animais Pantaneiros, os touros foram abatidos e as fêmeas cruzadas sucessivamente com touros da raça Nelore. Os cruzamentos produziram animais com desempenho superior, facilmente explicável pelo fenômeno de heterose, resultante da miscigenação de animais europeus (*Bos taurus ibericus*) com indianos (*Bos indicus*). Entretanto, todas as qualidades foram atribuídas aos zebuínos e isso acelerou o processo de extinção do bovino Pantaneiro.

A necessidade de conservar

esse patrimônio genético está relacionada a oportunidade de disponibilizar para a cadeia produtiva, genes de interesse, presentes nessa raça local e que podem proporcionar rusticidade, adaptabilidade, prolificidade e resistência. As qualidades proporcionadas por esses animais podem garantir, inclusive, segurança alimentar e sustentabilidade em sistemas pecuários menos intensificados.

Diante disso, instituições de pesquisa e ensino vem trabalhando nas últimas décadas para caracterizar geneticamente essa raça, conhecer suas aptidões e fomentar a implantação de núcleos de criação e o uso desse recurso genético em sistemas produtivos com viabilidade econômica.



*Seca e cheia no Pantanal.
Foto: Raquel Juliano*

COMO É O BOVINO PANTANEIRO

Os padrões raciais vêm sendo discutidos pela Associação Brasileira de Criadores de Bovino Pantaneiro (ABCBP) para estabelecer aspectos desejáveis de fenótipos e variabilidade genética sem o risco de perda de indivíduos, tendo em vista o número reduzido de exemplares e o sério risco de extinção da raça.

Com base na literatura histórica, avaliações fenotípicas feitas por estudos atualizados e pela descrição de criadores é possível caracterizar os bovinos Pantaneiros como sendo animais com estrutura corpórea pequena a média, possuidor de pescoço grosso e sem grandes barbelas; tendo ainda uma linha dorsal regular e horizontal, com pequena depressão na região lombar, garupa retilínea. A cauda curta e fina com inserção alta. O temperamento é ativo e dócil.

A cabeça é convexa ou sub-concava e o chanfro é reto ou sub-convexo. O focinho amplo é de cor negra, podendo ser ainda despigmentado ou avermelhado. Muitos animais também apresentam pelos claros ao redor do focinho, formando um anel branco. As orelhas são pequenas, arredondadas e com presença de pelos claros na parte interna. Os olhos são grandes, escuros e podem ser circundados por um anel de pelos escuros, formando um óculos. Os chifres são finos de cor marrom esverdeado na base, de forma arredonda saindo lateralmente para cima e para frente, com pontas viradas para cima.



Diversidade de pelagens de bovinos Pantaneiros. Fotos: Marcus Ruiz, Paulo Moura, José Medeiros, Marcus Oliveira, Thomas Horton, Vilson de Jesus e Raquel Juliano

Muitos animais apresentam chifres em forma de lira, ou seja saem inicialmente para os lados, em seguida vão para cima em linha reta e as pontas se curvam para trás e para dentro. Outros animais não apre-

sentam simetria dos cornos, sendo observados ainda chifres banana, em formato de alicate turquesa e também em espiral. Apesar de raros, existem animais mochos.

Os animais não apresentam

cupim, a barbela é pouco pregueada, o peito é profundo e o umbigo é reduzido. Os cascos são fortes e predominantemente de cor preta, sendo observados alguns animais com coloração rajada. Os pelos são finos e a pele é negra. O couro é grosso, dando maior resistência aos ectoparasitos e a intempéries, especialmente durante os períodos de alagamento. As fêmeas apresentam veias mamárias salientes, os quartos equilibrados e os tetos são de tamanho mediano. Os machos possuem testículos simétricos.

A diversidade de pelagem é uma garantia de diversidade genéti-

ca, além da pelagem castanha, com diferentes tons de vermelho, sabe-se que existem também animais vermelhos bem escuros tendendo ao negro e ainda os malhados de branco, os araçá (pelagem vermelha-clara com rajadas avermelhadas distribuídas irregularmente pelo corpo), a baía (pelagem amarelo claro), a tigrada (listas de vermelho intenso sobre fundo mais claro), a brasina (pelagem de vermelho médio ou escuro com listras de pelos negros), a rosilha (constituída por uma mistura de pelos brancos e vermelhos, apresentando um aspecto róseo), a moura clara (pelos pretos mecla-

dos com pelos brancos, formando uma cor acinzentada), as chitadas (quando há predominância do fundo com uma das cores padrão e apresenta tufo pequenos, médios e grandes de pelos com outra(s) coloração(ões) espalhados pelo corpo) e as totalmente preta ou branca. Podem apresentar, ainda, a cabeça totalmente branca e particularidades como estrela (mancha branca na testa), gargantilha (manchas brancas em volta do pescoço), galante (listra de pelos escuros ou claros sobre o lombo) e bargada (mancha branca situada na região inferior do ventre).

QUEM CRIA O BOVINO PANTANEIRO

Atualmente existem cinco criatórios que são acompanhados pelos pesquisadores e devem compor os primeiros rebanhos registrados pela ABCBP.

1 - Fazenda Nhumirim - campo experimental da Embrapa Pantanal, no município de Corumbá-MS, foi o primeiro núcleo de conservação da raça, em ambiente original, com animais criados tradicionalmente em pastagens nativas.

2 - Fazenda Promissão, propriedade particular no município de Poconé-MT, teve seu rebanho formado a partir dos animais adquiridos da Embrapa Pantanal e de animais capturados na região da Fazenda Jofre, berço da raça no Mato Grosso. Tem papel fundamental na parceria nas pesquisas



Fazenda Nhumirim. Foto: Marcus Vinícius



Fazenda Promissão. Foto: Paulo Moura

de caracterização, conservação e uso da raça, além da divulgação dos resultados nesse estado, onde o bovino Pantaneiro é considerado patrimônio genético e cultural.

3 - Nubopan é o núcleo de conservação pertencente a Universi-

dade Estadual de Mato Grosso do Sul, no município de Aquidauana-MS. Foi implantado em 2009 e desde então tem se dedicado a pesquisar e divulgar resultados sobre o potencial leiteiro da raça.

4 - Estância Dois Irmãos, pro-

priedade particular que implantou o núcleo de conservação em 2010, localizada no município de Rio Negro-MS, tem participado como parceiro nas pesquisas de desempenho de animais puros e cruzados para produção de carne em sistema extensivo na região de planalto (Cerrado), além das primeiras iniciativas de produção de indivíduos por fecundação in vitro (FIV).

5 - Fazenda São Marcos, propriedade particular no município de Guia Lopes da Laguna-MS, foi a mais recente descoberta de animais que vinham sendo criados tradicionalmente pela família do seu proprietário por três gerações. De fundamental importância para o processo de resgate genético, pois seus animais tem origem na região do Pantanal de Porto Murtinho,

com características de diversidade distintas dos demais rebanhos.

Somando os animais desses criatórios, são estimados menos de 500 animais, isso significa um sério risco de extinção. Entretanto tem surgido a notícia de muitos animais em diferentes regiões do Pantanal, inclusive em estado feral, com a possibilidade de recuperação desse recurso genético.



Rebanho Nubopan, Rebanho Fazenda São Marcos, Rebanho Fazenda Dois Irmãos. Foto: Marcus Vinicius Oliveira, Marcus Ruiz e Thomas Horton

O QUE O BOVINO PANTANEIRO TEM DE MELHOR

A principal qualidade do bovino Pantaneiro é a adaptabilidade às condições extremas impostas pelo ambiente natural que viveu desde o século XVI e que selecionou naturalmente os indivíduos mais aptos a sobreviverem. Isso o fez rústico e resistente, pouco exigente quanto a qualidade e quantidade de alimento necessário para reproduzir-se. Os animais apresentam tolerância ao calor, puberdade precoce e alta libido, que garantem a prolificidade dos rebanhos.

As avaliações de desempenho fora da região do Pantanal e em condições diferenciadas de manejo

demonstraram que esses animais tem ganho de peso muito satisfatório, acabamento de carcaça excelente e carne com qualidade diferenciada em suculência e maciez.

A detecção de indivíduos com resultados superiores indica que apesar de nunca ter sido realizada a seleção e o melhoramento genético nessa população, ela conserva qualidades dos ancestrais taurinos que podem ser trabalhadas para atender a propósitos específicos. Com base nos estudos iniciais na fase do nascimento a desmama, esperam-se os mesmos resultados em indivíduos cruzados.

A presença de genes para pro-



dução leiteira já havia sido detectada nessa raça, que à princípio é de dupla aptidão (leite e carne), entretanto os estudos mais recentes mostraram que esses animais produzem leite com uma exigên-

cia nutricional baixa e que com um programa de seleção adequado, haverá a formação de uma linhagem leiteira de bovinos pantaneiros, com grande contribuição para a Cadeia Produtiva do Leite.

Popularmente conhecido pela sua bravura e coragem, o bovino Pantaneiro apresenta um comportamento gregário diferenciado frente às ameaças de predadores,

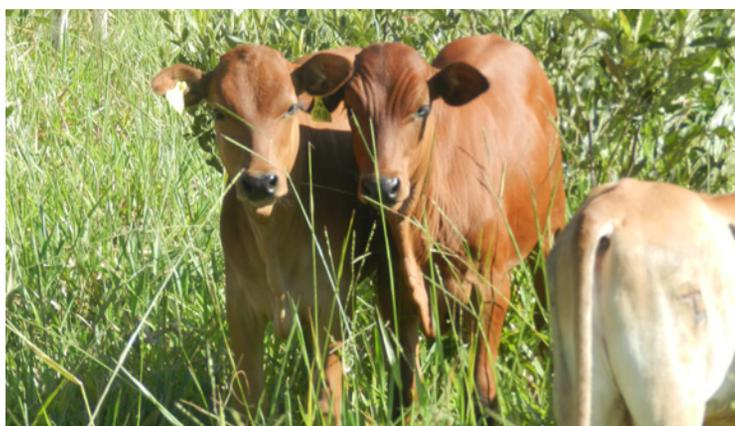
criadores e campeiros relatam que diante da presença do “inimigo” os animais se agrupam vocalizam muito, protegem suas crias no centro do aglomerado e os touros mugem e raspam o chão na tentativa de intimidar o agressor e fazer com que ele recue. Esse mesmo comportamento foi verificado em um experimento piloto no qual o rebanho de bovinos Pantaneiros

foi estimulado com uma gravação de um esturro de onça.

A ciência se esforça para confirmar o que a sabedoria popular já sabe há muito tempo. Temos uma joia bruta, pouco exigente, capaz de produzir alimento de qualidade, com valores culturais agregados. Não podemos abrir mão de conservar e desenvolver essa raça.



Bezerro Pantaneiro. Foto: Raquel Juliano



Bezerras Pantaneiras nascidas de FIV.



Animal cruzado - Pantaneiro X Nelore. Foto: Thomas Horton



Novilha Pantaneira. Foto: Thomas Horton



Animais pantaneiros em produção leiteira. Foto: Marcus Vinicius Oliveira

PERSPECTIVAS DE USO DA RAÇA EM SISTEMAS PRODUTIVOS

O fato de haver poucos indivíduos implica na necessidade de ampliarmos a população utilizando tecnologias da reprodução. A gestão genética dos rebanhos é fundamental para evitar perda de diversidade, consanguinidade e erosão genética da raça. Além disso, o descarte ou abate de animais puros deve ser muito criterioso.

Diante disso, as possibilidades de uso são direcionadas principalmente para a avaliação produtiva de desempenho da progênie de touros Pantaneiros cruzados com raças comerciais para produção de carne com qualidade diferenciada, produção de leite e derivados lácteos com valor agregado por meio de certificações e manutenção de rebanhos em propriedades de turismo rural com a possibilidade de exploração do potencial histórico e gastronômico, em menor escala.

Outro questão é a expansão

dos núcleos de conservação in situ com implantação dos mesmos em fazendas dedicadas ao turismo rural, que podem inicialmente manter o rebanho como atração turística e cultural, comercializar produtos relacionados a história da colonização e introdução de raças bovinas no Brasil e a médio prazo, com o crescimento do rebanho, introduzir sua carne como atrativo no cardápio ou comercializá-la com o selo certificação de produtos por Denominação de Origem Protegida (DOP). DOP é um “selo” dado a um produto cuja produção, transformação e elaboração ocorrem em uma área geográfica delimitada com um controle de todas as etapas de produção reconhecidos e verificados. Desta forma é possível incentivar a produção pecuária em determinadas regiões, proteger os nomes de produtos contra imitações e fornecer ao consumidor informa-

ções relativas às características específicas dos produtos.

Esse tipo de modelo pecuário visa o incentivo à criação de raças locais e nativas como alternativa comercial em áreas de preservação e pequenas propriedades rurais, que são valorizadas pela iniciativa de preservação do patrimônio genético e cultural de seu país. É também uma forma de resgate das tradições, tendo em vista o potencial turístico já estabelecido nessa região.



SAIBA MAIS SOBRE O BOVINO PANTANEIRO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE BOVINO PANTANEIRO (ABCBP)



A ABCBP é fundamental para que haja um avanço em relação ao registro da raça junto ao Mi-

nistério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), promovendo a valorização da raça, possibilitando a comercialização de produtos com agregação de valor (marca, indicação geográfica, indicação de origem protegida) e com isso estimulando o interesse de outros produtores em criar os animais.

A associação deve ser a representação e defesa de criadores de bovinos da raça Pantaneira; estabelecendo os padrões fenotípicos da raça, fazer o registro genealógico, reunir e cadastrar criatórios como forma de promover o desenvolvimento e o melhoramento do rebanho e incentivar os estudos sobre esses animais.



A Rede Centro Oeste de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – Pró-Centro-Oeste, instituída por meio da Portaria MCT-MEC Nº 1.038 de 10 de dezembro de 2009, congrega Instituições de ensino e pesquisa dos Estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e do Distrito Federal, suas respectivas Secretarias de Estado de Ciência e Tecnologia e Fundações de Amparo à Pesquisa. A Rede foi instituída para trabalhar em duas frentes: produzir conhecimento, com vistas à conservação e ao uso sustentável dos recursos naturais do Cerrado e do Pantanal, e formar recursos humanos para o desenvolvimento sustentável da Região

Centro-Oeste. No primeiro Edital MCT/CNPq/FNDCT/FAPs/MEC/CAPES/PRO CENTRO-OESTE Nº 031/2010, foram aprovadas 16 redes. No segundo Edital MCTI/CNPq/FNDCT Ação Transversal - Redes Regionais de Pesquisa em Biodiversidade e Biotecnologia Nº 79/2013, foram aprovadas 09 redes. A REDE 12 - Caracterização, Conservação e Uso das Raças Bovinas Locais Brasileiras: Curraleiro e Pantaneiro foi contemplada nos dois editais, recebendo recursos para o desenvolvimento de 14 subprojetos.

O objetivo da Rede Curraleiro e Pantaneiro é estabelecer uma rede inter-regional e interdiscipli-

nar de pesquisas e transferência de conhecimento com a finalidade de caracterizar duas raças bovinas brasileiras locais em risco de extinção, Curraleiro Pé-Duro e Pantaneiro, além de gerar dados para subsidiar o desenvolvimento de um modelo de exploração pecuária para o Cerrado e Pantanal, utilizando essas raças, priorizando a conservação dos ecossistemas, Cerrado e Pantanal, a sustentabilidade e a diversidade genética.

O principal resultado será a preservação de duas raças bovinas completamente adaptadas às condições do Cerrado/Caatinga e Pantanal e a consequente manutenção das informações contidas na sua estrutura genética, desenvolvidas ao longo de séculos de seleção natural, que garantem maior resistência a doenças e parasitas; por meio da estabilização do número de bovinos, da promoção da conservação *in situ* e *ex situ* e da utilização em sistemas produtivos.

SITES DE INTERESSE

www.bovinopantaneiro.com.br
www.cpap.embrapa.br/redeco12
www.cpap.embrapa.br/publicacoes/index.php
www.plataformarg.cenargen.embrapa.br
www.riodeleite.com.br
www.redecentrooeste.org.br

Coordenação:



Escola de Veterinária
e Zootecnia da UFG



Empresa Brasileira de
Pesquisa Agropecuária

Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação



Financiamento: